

AUTORES & LIVROS

Ano 10
18494

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 51
Núm. 18

Notícia sobre Artur Orlando

Artur Orlando da Silva nasceu em Recife, Pernambuco, em 27 de março de 1894. Era filho do Dr. José Caetano da Silva e da esposa D. Belarmina Augusta Moraes Mesquita Philantel.

A informação de que o Dr. Artur Orlando era neto de João Vellozo da Silva; Sebastião da Silva, que ele era irmão de João Vellozo da Silva, não é verdadeira. Artur Orlando nasceu em Recife, Pernambuco, em 27 de março de 1894. Era filho do Dr. José Caetano da Silva e da esposa D. Belarmina Augusta Moraes Mesquita Philantel.

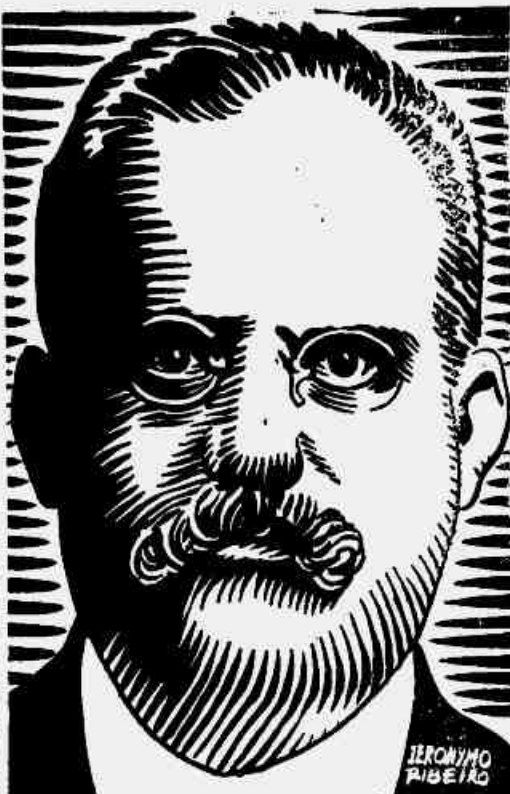
Artur Orlando era neto de João Vellozo da Silva; Sebastião da Silva, que ele era irmão de João Vellozo da Silva, não é verdadeira. Artur Orlando nasceu em Recife, Pernambuco, em 27 de março de 1894. Era filho do Dr. José Caetano da Silva e da esposa D. Belarmina Augusta Moraes Mesquita Philantel.

Artur Orlando era neto de João Vellozo da Silva; Sebastião da Silva, que ele era irmão de João Vellozo da Silva, não é verdadeira. Artur Orlando nasceu em Recife, Pernambuco, em 27 de março de 1894. Era filho do Dr. José Caetano da Silva e da esposa D. Belarmina Augusta Moraes Mesquita Philantel.

Bibliografia de Artur Orlando

- Tese e dissertação sobre filosofia processual. O momento histórico das leis. (Faculdade de Direito do Recife) — 30 páginas. — Tip. Central. — Recife — 1885.
- Floeritica — Com introdução de Martins Junior — 224 páginas. — Tip. Apolo. — Pernambuco — 1886.
- Prefácio às "Questões Vigenas" de Tobias Barreto (1888).
- Biólogo à Filosofia e Crítica, de Tobias Barreto (2.ª edição) (1889).
- O Meu Album — Com introdução de Clóvis Bevilacqua. — Recife 1901.
- Propedêutica político-jurídica — 296 págs. — Tip. de J. B. Edelbrock. — Recife — 1904.
- Ensaios de Crítica. — 392 págs. — Recife — 1904.
- Novos Ensaios. — 158 págs. — Tip. de J. B. Edelbrock. — Recife — 1905.
- É possível admitir-se a liberdade moral como fundamento da imputabilidade criminal, independente do livre arbítrio? — (Memória apresentada ao 3.º Congresso Científico Latino-Americano, realizado na Capital Federal) — 1905.
- Pan-Aerionismo — 290 páginas. — Rio — 1906.
- Reforma do ensino — Discursos pronunciados na Câmara dos Deputados. — (Tip. do "Jornal do Comércio"). — Rio — 1907.
- Fúria e Cidade do Recife —

- 463 págs. — Tip. do "Jornal do Recife". — Recife — 1908.
- Código de Direito Sanitário ou de Higiene Jurídica. — (Memória apresentada ao 4.º Congresso Médico Latino-Americano, reunido na Capital Federal) — 1909.
- São Paulo versus Alexandre VI e São Paulo Bandeirante. — (Memória ao 2.º Congresso de Geografia, realizado em São Paulo). — Rio — 1910.
- Pernambuco. — (Na Bibliol.º Congresso de Geografia realizado no Rio) — 1910.
- O clima brasileiro. — (Memória apresentada ao 3.º Congresso de Geografia, realizado no Paraná) — Rio — 1911.
- (Continua na pág. 285)



ARTUR ORLANDO

SUMÁRIO

- PÁGINA 277:
 - Notícia sobre Artur Orlando.
 - Bibliografia de Artur Orlando.
- PÁGINAS 278 e 279:
 - S. Paulo versus Alexandre VI, de Artur Orlando.
 - O Riso, de Artur Orlando.
- PÁGINA 280:
 - O lugar de Artur Orlando na Escola do Recife (Trecho de Estudo) de Atilio de Paiva.
- PÁGINA 281:
 - Idéias e Opiniões de Artur Orlando, de João do Rio.
 - Correspondência de escritores — Carta de Artur Orlando a Machado de Assis.
- PÁGINA 282:
 - Saudação a Artur Orlando (Discurso na Academia Brasileira de Letras), de Oliveira Lima.
- PÁGINA 283:
 - A Escola Literária do Recife no último quartel do Século XIX — Carta aberta a Artur Orlando, de Silvino Romero.
- PÁGINA 284:
 - O romance contemporâneo, de Artur Orlando.
 - Um documento interessante — Fac-Simile dos votos de vários acadêmicos, dados a Artur Orlando, na eleição da Academia Brasileira de Letras (vaga do Barão de Loreto).
- PÁGINA 285:
 - A Ciência e a Arte, de Artur Orlando.
- PÁGINA 286:
 - Não te esqueças de mim, me Carlos Leão.
- PÁGINA 287:
 - "O Sangue das Honras", de Roberto Alvim Guerra.
 - O acordo ortográfico.
- PÁGINA 288, 289, 290 e 291:
 - O francês Taunay mestre da Brasileira, de Ribeiro Couto.
 - O ritmo dos movimentos sociais, de Barbosa Lima.
- PÁGINA 292:
 - Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — 2.ª Série — Antologia da Poesia — XVI — Clóvis Bevilacqua.
 - Clóvis Bevilacqua (nova biografia com fotografia).
 - Bibliografia de Clóvis Bevilacqua.
 - Algumas fontes sobre Clóvis Bevilacqua.
 - Naturalismo russo — Doutorovsky, de Clóvis Bevilacqua.
 - Psicologia das plantas, de Clóvis Bevilacqua.
 - Resposta a um inquérito literário, de Clóvis Bevilacqua.
 - Um autógrafo de Clóvis Bevilacqua — Fac-Simile de um bilhete a João Ribeiro.
 - Canto da Solidão, de Hódice Nicolussi.
- PÁGINA 293:
 - A morte de João Alphonso, de Mucio Leão.
 - Um desenho de Iberê Camargo.
 - Correspondência de escritores — Carta de Malheiro Dias a João Ribeiro.

S. PAULO VERSUS

A glória dos bandeirantes está menos em ter cavado minas e descoberto minas de ouro e pedras preciosas que em haver conquistado aos indígenas e aos espanhóis, apadrinhados aqueles com os recursos e insidias do deserto, estes com a autoridade e soberania do papa, a imensa região, que se estende até as frias do Ártico.

Sabe-se que, em 1400, dos 510 milhões de quilômetros quadrados, que formam a superfície do globo, apenas eram conhecidos 50 milhões, e que então as conquistas da terra se faziam principalmente pelas descobertas no mar, cabendo a iniciativa aos portugueses e aos espanhóis, nos quais simultaneamente se devem os três magnos acontecimentos do ciclo oceânico da história da humanidade: o caminho do Oriente levado a efeito por Vasco da Gama, a descoberta da América por Colombo e a circumnavegação do globo por Magalhães.

Em fins do século XV preocupava o espírito dos cosmógrafos e dos grandes navegadores a descoberta de terras desconhecidas, ou melhor, de um Novo Mundo: no mapa desenhado em 1488 por André Bianco, capitão de uma galera veneziana, figura a América como um ilha, e na carta de Gracião Benincasa, de 1482, na mesma latitude que a Espanha, aparece a Antilha, com duas outras ilhas, Roxella e Salvaga.

Antes, em 1455, já a carta de Bartolomeu Pareto trazia a Antilha ao lado das ilhas dos Bem-aventurados, a que se referem os poemas homéricos, as "Insule Fortunato" dos Romanos; e em 1461, mais ou menos, Francisco Laurana, em uma medalha de bronze, com a effigie de Carlos IV de Anjou, conde de Maine, havia gravado um mapa-mundi, em que são representados quatro continentes: Europa, Ásia, África e Bruma.

Os atos dos soberanos vinham corroborando as conjecturas dos cartógrafos; com efeito, em 1457 D. Fernando, duque de Beja, recebeu de Afonso V uma carta, em que aquele monarca lhe concedia as ilhas que ficavam do lado da Beja "esperava descobrir no oceano Atlântico"; em 1462 igual concessão foi feita a João Vagado, que pretendia ter descoberto as ilhas da Ova e Capraria; e em 1475 foi dada a Fernando Teles, mordomo da filha de Afonso V, a propriedade de todas as ilhas que fossem encontradas na altura de Guiné.

Muito elucidativa é a carta de Paulo de Pozzo Tossanelli a Fernando Martins, em 1474, insistindo "sobre o muito curto caminho que existia por via do mar, da Europa as Índias", e não menos corroborativa é a expedição, que em 1480 partiu de Bristol para navegar ao oeste da Irlanda até à ilha chamada Brázilia. (1).

A descoberta da América produziu na Europa grande alvoroço, principalmente em Portugal.

Não pertenceriam aos portugueses as terras, de que Colombo havia tomado posse, em nome de Jesus Cristo, para os soberanos de Castela?

Pela paz de Alcáçovas, concluída em 1479, cabiam a Portugal todas as terras descobertas e por descobrir, desde o cabo Não e Bojador até ao continente indiano, compreendidas neste, conforme os conhecimentos geográficos de então, a Arábia e a Etiópia.

A crença geral era que a América pertencia às "terras das especiarias e do ouro", cumprindo notar que Cristóvão Colombo morreu na persuasão de que Cuba fazia parte dos "países do Sol".

Desde princípios do século XV que por uma bula pontifícia os soberanos de Portugal eram senhores das terras descobertas do cabo Bojador às Índias.

Em 1437 Afonso V, incitado por seus irmãos, Henrique e Fernando, a fazer uma expedição a Tanger, consultou Eugénio IV sobre a legitimidade da empresa e as despesas a fazer.

O papa respondeu que, se os infieis ocupavam território cristão ou não respeitavam a pessoa e bens dos fiéis, a guerra era legítima; mas devia ser feita com discreção e piedade, tanto quanto o permitissem a vida e bens dos fiéis.

Quanto às despesas, se a guerra tinha em vista a defesa da pessoa e bens dos cristãos, podiam ser lançados impostos; se, porém, a expedição era feita com o fim de conquista, as despesas deviam correr por conta do soberano.

Quatro anos depois, em 1441, ainda se dirigiu Afonso V a Eugénio IV, pedindo para a coroa de Portugal, tudo que fosse descoberto desde o cabo Bojador até às Índias inclusive, e em 1452 obteve de Nicolau V permissão para atacar, subjugar e reduzir à escravidão os Sarracenos, tomando-lhe as terras, bens móveis e imóveis.

As cartas de Nicolau V sobre as vitórias obtidas contra os Mouros da África, e sobre as ilhas descobertas no Oceano, se seguiram às do Calisto III em 1456, de Pio II em 1456, e de Xisto IV em 1461, todas elas confirmando as mercês feitas aos soberanos portugueses.

Alexandre VI, apesar de não estimar Isabel, rainha de Espanha, de quem dizia — *La reina non esser quella casta donna si predichava*, contudo era espanhol de nascimento, e nestas condições não se sentiu mal, concedendo metade da América aos soberanos de sua terra natal, Fernando e Isabel, por uma bula, relativamente à qual Francisco I teve as seguintes palavras de espírito: "Dessejava bem conhecer a disposição testamentária, em que Adão dividia o Novo Mundo entre os reis de Portugal e Espanha, com exclusão dele, rei dos franceses".

Voltaire acrescentou que, com sua autoridade divina, o Santo Padre podia dar do mesmo modo os globos de Jupiter e Saturno com seus satélites.

Na qualidade de chefe da cristandade e sucessor de S. Pedro, a quem cabia o supremo poder de tudo ligar e desligar no céu e na terra, segundo afirmava Gregório VII, e em virtude do direito de propriedade conferido por Constantino, o Grande, ao papa Silvestre e aos seus sucessores sobre as ilhas, Alexandre VI fez mercê e doação para sempre aos soberanos de Espanha, "de todas as ilhas e terras firmes, já achadas e por achar, descobertas e por descobrir, para as bandas do ocidente e meio-fim, tirando-se uma linha reta do polo ártico ao polo antártico, ficassem ou não essas ilhas e terras firmes para as partes da Índia, ou outro qualquer quarteirão do globo", sendo que a referida linha devia "correr a cem léguas de distância das ilhas dos Açores e de Cabo Verde, e isto sem embargo de quaisquer outras constituições e ordenanças apostólicas em contrário."

Bem se vê que não se tratava de uma arbitragem nem de uma demarcação. A bula de 4 de maio de 1493 diz claramente: "Assim que, pela autoridade do Deus Todo-Poderoso, que nos foi dada na pessoa do apóstolo S. Pedro, e da qual gozamos, como Vigário de Cristo na terra, vos fazemos — doação das ditas ilhas e terras firmes, achadas e por achar, descobertas e por descobrir, com todos os seus senhorios, cidades, vilas, castelos, aldeias, povos, lugares, direitos, jurisdições e todos os mais pertences e dependências que tocar possam".

Não se tratando de uma arbitragem nem de uma demarcação mas positivamente de uma mercê, conforme tantas outras, feitas aos reis de Portugal, e como dá a entender o título da Bula de 25 de setembro de 1493, na tradução feita em língua castelhana — *Bulla de extensis y donacion apostolica de las Indias*, resta saber que fim tinha Alexandre VI com seu ato de "liberalidade e munificência".

Parece que outro não era o pensamento do chefe da cristandade senão a criação de um grande império teocrático ao serviço de uma nova política religiosa.

"Meu reino não é deste mundo", disse Cristo; mas a América era um mundo novo com homens novos, que nos termos da Bula de 4 de maio de 1493 "viviam juntos em boa paz, andavam nus, não comiam carne e acreditavam em um Deus criador que está no céu."

O Papa confiou a Fernando e Isabel, seus muito amados filhos em Jesus Cristo, a tarefa de "subjugar com a assistência divina todas as ilhas e terras sobreditas, (quer dizer "onde havia abundância de ouro, especiarias e outras muitas coisas a este modo preciosas") reduzindo os seus habitantes à fé cristã".

O que se fazia necessário era "converter os habitantes dessas ilhas e terras firmes à religião cristã", para o que recomendava que fossem "enviados às sobreditas ilhas e terras firmes homens doutos, piós e tementes a Deus, para doutrinares os seus habitantes na fé católica".

A Bula terminava de modo bem expressivo: "E temos fe que o supremo Distribuidor dos impérios e senhorios guiará de maneira as vossas obras, que vossos trabalhos e fadigas alcancem afinal um termo tão próspero e glorioso, como nunca houve outro igual em toda a cristandade... E ninguém seja ousado a infringir e quebrantar o que está determinado por este nosso mandamento, exortação, requisição, doação, concessão, assinação, constituição, decreto, proibição e absoluta vontade".

Não faltam documentos confirmando a Bula de Alexandre VI no sentido de submeter à jurisdição pontifícia todas as terras e povos do universo, e reduzir o poder civil a uma delegação da supremacia da Igreja.

Entre outros exemplos citaremos a fórmula redigida por uma comissão de teólogos e juristas para servir de modelo nos atos de posse dos países descobertos na América.

Neste curioso documento se encontra a afirmação de que o Sumo Pontífice "como senhor universal da terra fez mercê e doação das ilhas, e da terra firme do oceano, a SS. MM. CC. os sereníssimos reis de Castela, D. Fernando e D. Isabel, de gloriosa memória, e seus sucessores, com tudo quanto nelas se achasse."

"Se vos conformais com isto, continúa o formulário, andareis bem, e cumprireis vossos deveres; por onde S. M. e eu, em seu nome, vos havemos de acolher com amor e bondade, deixando-vos a vós, vossas mulheres e vossos filhos em plena liberdade, e livres do cativeiro, gozar de todos os vossos bens, sem nenhuma diferença dos habitantes das ilhas, afóra outros muitos privilégios, isenções e regalias, que vos há de acordar S. M. Porém, se refugais ou dilatais maliciosamente a obediência devida à presente notificação, nesse caso, com a ajuda e favor do Todo Poderoso, entrarei forçosamente por vossas terras, e vos farei cruelíssima guerra, até de todo reduzir-vos à obediência da Igreja e del-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos, ou deles se dispôr como aprouver a S. M., tomando-vos todos os vossos bens e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto em mim couber, como a súditos rebeldes e levantados."

O tratado de Tordesillas, em vez de invalidar, pelo contrário, confirma a Bula de Alexandre VI. Bem se preocuparam com os outros soberanos cristãos e com os direitos dos autóctones os reis de Portugal e Espanha agram, como se estivessem ao abrigo de qualquer dívida e censura, transportando a linha de marcação para 370 léguas a oeste das ilhas do Cabo Verde sem indicar, porém, qual delas.

Todaya, o tratado devia ser confirmado pelo

Santo Padre, e realmente o foi pela Bula de 24 de janeiro de 1506, o que dá bem a entender segundo escreve Harrissio, que "as curias pontifícias constituíram numa vasta escala, no fim do século XV, o que se poderia chamar o direito dominante, na Europa, visto serem basandas em decisões assim como em preceitos, que eram mutuamente tidos por justos, e em todo caso consuetudinários por todas as nações europeias."

Vaga e indecisa como era, em virtude da inteligência entre os cosmógrafos, não se pôde no tocante às dimensões da terra, mas sim, em muitos outros pontos, a linha do tratado de Tordesillas, perto de dois séculos foi objeto de muitas questões geográficas e reclamações diplomáticas, sendo, aliás o ponto de partida das modernas "questões matemáticas", fixadas segundo os graus de latitude e longitude.

Na falta de filioz da linha divisória do tratado de Tordesillas, os bandeirantes, caminhando no sentido da longitude, rumo de oeste, começaram a conquistar para o Brasil esta amplíssima região geográfica, que fez a América do Sul voltar as costas para o Ocidente, via Atlântico, enquanto a América do Norte visa o Oriente, via Pacífico; rede geográfica, que veio compensar os brasileiros das perdas da Calena e do Sacramento, e constituir o Eixo, ali o centro de gravidade da futura comunidade e fraternidade entre os povos sulamericanos.

Enquanto houve índios a calivar e minar a descobrir, os *sereníssimos* não cessaram de avançar territórios para o seu rei; mas com a expansão das minas e a substituição do índio pelo filão da África no trabalho de mineração, pouco a pouco foi amortecendo o espírito de aventura dos paulistas, que, de bandeirantes, predadores de índios e descobridores de ouro, se fizeram habitantes de cidades, quando não cultivadores da terra.

Ora, sabe-se que é nos centros urbanos que as relações sociais não cessam de se multiplicar e desenvolver, à medida que a densidade de população se afirma de modo progressivo.

No dia em que edificou Roma, constituindo uma profunda transformação política se operou em toda a Itália.

O caso típico dos irmãos Lemes, filhos de Pedro Leme, o Toró, a princípio temidos e amados apesar de suas enormes culpas; quando não mais do que pelo governador Rodrigo Cesar de Andrada, em suas cartas ao rei, e vice-rei não cessava de falar para que os dois cadáveres fossem perdidos, até galardoados com mercês pecuniárias e honríficas e mais tarde processados, sentenciados e cruelmente assassinados, por determinação do próprio governador, da bem a entender que, passado a época do condotierismo, e que já não consideravam tipos representativos aqueles que de bando, tão generosos quanto prepotentes, tinham da era uma mistura incongruente de atos cavallerescos e falhas inconfessáveis, heróis que "dantes não recebiam", assim respondendo quando eram ranços, penhorados pelas suas liberalidades, não iam galardoá-los.

Acomodado como era, Rodrigo de Menezes, não teria prestado ouvidos a Sebastião Fernandes, não conseguindo do ouvidor Godinho Manso a expulsão dos poderosos e opulentos condotiers, se não a atmosfera de sentimentos e ideias não envolvesse a sociedade paulista.

"Desses homens, descendentes de *sereníssimos* gloriosos, escreve o dr. Washington Luiz, o governador recebia cartas de desculpas, de submissão, em linguagem servil e desprezível; representavam, os próprios filhos desses chefes de família rematados, iam em pessoa rolar-se aos pés do governador, significar-lhe a sua sujeição, a sua lealdade, o desejo de agradar-lhe; e, num rebaixamento que dizia a magos no coração, manifestar-lhe que estavam prontos para prender os próprios filhos, e tanto que isso desse prazer à nobilíssima pessoa da representante de Dom João V, cujos pés beijavam." (2).

Nestas condições não é para admirar que Cavichy, escravo dos Lemes, se constituisse o maior instrumento de ódios e vinganças contra seus senhores, e que outros algozes procurassem imitar o exemplo de Cavichy.

Os irmãos Lemes, João e Lourenço, por suas condições de fortuna e laços de parentesco, eram personagens de destaque na sociedade paulista, mas esta se achava profundamente abalada em sua organização interior, em sua economia interna.

Nova fase da vida social surgia no solo paulista, e Rodrigo de Menezes pensando ferir o espírito dos paulistas, que levavam o amor próprio ao extremo, sem medirem as consequências, não se deu de um instrumento nas mãos do incontinente da história.

Em vez da procura e descoberta de minas, que se preocupavam os bandeirantes, agora e que fascinava os espíritos, era a posse real do ouro, a possessão capaz de produzir um monstro de pedras e tração como Sebastião Fernandes.

Com a expedição de Bartolomeu Bueno, filho de Anhangüera, em busca dos Martirios, a terra cantada que por tanto tempo povoou de fantasmas a imaginação dos paulistas, se encerrava o ciclo das bandeiras; o que lhes restava era uma saudade profunda das travessias ariscadas através do vasto misterioso.

Eis porque, quando João Leite descrevia a descoberta de ouro do rio Pilões, no passo que a nobreza de seus companheiros respaldava de contentamento, o rosto de Bartolomeu Bueno se contraía, carregado de saudades e presentimentos.

ALEXANDRE VI - ARTUR ORLANDO

(AO DR. ALFREDO DE TOLEDO)

de um passado que desaparecia para fazer o presente de um novo estado de revolução em terras vagas e inexploradas que ficara nas mãos de João Leite; o filho de ele filho de Anhangara, nascendo com Antônio Pires de Camargo, menino, e filho de outro domador do gado, a estrela dos paulistas não empallidava, imitando sendo para em seguida resplandecer com maior fulgor.

Os muros dos Martirios, incessante faia dos tempos, que se encamurçavam para o poente, para a conquista de Mato Grosso e Goiás, assim como a quimera das Esmeraldas, consoante guias e pedras, que se dirigiram para o vale de São Paulo, a seguir a gado farto, onde faliu a perda da vida.

No 10 de outubro de 1825 chegavam Bartolomeu Bueno da S. Paulo com a alvitreira notícia de novo descoberto no centro do país, nos sertões de gado, muito ouro, a mercadoria que, no dia seguinte, tem o poder mágico de se transformar em todas as coisas desejáveis e desejadas. Bartolomeu realmente ouro da terra dos Martirios, descoberto Bartolomeu Bueno?

A primeira notícia de ouro do sertão entre os principais sertanistas, acreditando Antônio Pires de Camargo, que o verdadeiro caminho dos Martirios, onde foi fixar residência com seus filhos, sendo Bartolomeu Bueno que na descoberta de Goiás estava a realização de um sonho de criança.

De um sonho de criança é que os herpetos, a primeira notícia das terras da Eldorado não era a descoberta de ouro, onde Antônio Pires de Camargo e Bartolomeu Bueno descobriram a coroa de ouro, a partir das terras de Mato Grosso para curral de felicidade, com a descoberta de ouro de São João e Goiás, a primeira descoberta de ouro do sertão, o criador de gado, plantador de cana e, sobretudo, produtor de café.

Em princípio do século IX, enquanto a Bahia possuía anualmente vinte mil caixas de açúcar, Pernambuco quarenta mil, Rio de Janeiro, nove mil, São Paulo apenas embarcava para o exterior mil caixas.

Na mesma época a Bahia remetia para o estrangeiro dez mil fardos de algodão. Maranhão despachava mil Pernambuco quarenta mil e São Paulo mil.

S. Paulo antes de tudo tratou de libertar o estômago criando gado e cultivando cereais, e com o gado e o feijão, que em 1817 já não produzia suficiente para o consumo, exportava gado de toda espécie: milho, arroz, feijão e até trigo e centeio. S. Paulo teve a suprema ventura de, em 1720, descobrir Minas Gerais, em 1738 Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e em 1748 Mato Grosso e Goiás.

A Grécia se abateceu de ouro na Índia onde, segundo a tradição, as formigas carregavam ouro de dentro da terra.

Roma estava escura do mundo quando se serviu do ouro para ornar os aposentos e tecer os vestidos de Atílica.

Segundo os cálculos de Humboldt o Brasil produziu no século XVIII mais de metade de todo o ouro da América, e nem por isso veio a ser um país rico.

Bob a forma de quintos, de confusões, de pedágios, de donativos, todo o metal explorado foi rematado para Portugal, que, em vez de redimi-lo a indústria, a comércio, a progresso, a civilização, gastou-o na compra do título de fidelidade e outras prodigalidades de bealices.

É, porém, muito interessante e digno de nota, que no momento em que a produção do ouro no Brasil tocava ao auge, enquanto São Paulo privada de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, e portanto, sem ouro para explorar, começava a desenvolver extraordinariamente sua produção agrícola e industrial, Minas, cujos velos auríferos foram sempre os mais explorados, oferecia o espetáculo de uma lastimável decadência.

As passas que em S. Paulo surgiam vilas e as vilas se transformavam em cidades, em Minas as vilas e cidades existentes desolavam, se não apresentavam o aspecto de desoladoras ruínas.

Os paulistas eram habitados por indivíduos que, embora exultantes, agora, passada a febre da exploração do ouro, levavam uma existência miserável, abatida, acurruada, sem coragem para se atreverem a cultura dos campos, não sabendo fazer outra coisa senão lastimar que as minas se houvessem saído tão depressa.

De um dosas vivendas, hoje completamente desabitadas, na que outrora "rolavam saudações juvenis, subidas e descidas tumultuárias entre os estúdios argentinos das esporas", traga Euclides da Cunha o sugestivo quadro, que intitula *Ente ruitus*.

"Aproxima-se do largo portão desolado, de humaredas vibrantes ou pensos. Desapela e avança, pelos terreiros de pedra arruinada: galga a valha escadaria, pulando sobre os degraus que faltam; estaca no patamar, em cima, diante da porta escancarada da entrada, abrindo para o amplo salão deserto. Penetra, contempla, de relance, as molduras esboçadas das paredes e do tecto, onde advinha resquícios de frisos dourados na cimalha do estuque. Enfila pelo longo corredor alagado no bafo aniquilante do ambiente imóvel, para o qual se abrem as portas de outros repartimentos desertos, onde chlam e revoam, desequilibradamente, centenas de morcegos tonios. Chega à sala de jantar, deserta. . . Naquela quietude sinistra, se não o amedrontam os ecos dos próprios passos, longos, reboantes, morrendo vagarosamente em ressonâncias misteriosas pelos âmbitos da habitação vasta — como, irresistível, a visão retrospectiva dos belos tempos em que a vivenda senhorial pompeava triunfalmente no centro dos cafés floridos."

Mato Grosso, onde "os granites de ouro eram tantos, que se os empregava como chumbo de espingardas", e onde para colher o ouro, "bastava arrancar as touças de capim", não teve melhor sorte: já em 1758 não podia viver sem auxílio estrangeiro, tendo sido ordenado ao governo de Goiás que subvencionasse a "pobre millionária" com quinhentos e doze marcos de ouro anuais.

Referindo-se à cidade de Vila-Bela, depois Mato Grosso, "fundada expressamente para capital de toda apanha afastada e vasta zona", descreve o Visconde de Taunay a impressão de intensa melancolia.

Da causada pelas ruínas, "vestígios eloquentes de extintas grandezas, que jamais voltarão."

"Quais que desabiram; tanto que ainda mais altos nas ruas; inundações do Guapore que levaram os restos do cal de outros nos barrancos; esboroados e lagos planos de muralha que tombaram; gente que diminuiu (e já era tão pouca) uma morte, outros que emigraram, tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; árvores que cresceram invasoras e à solia, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no seu magnotoso vigor e na sempre renascente alegria os destroços da obra dos homens, exuberantes e ativos, sobretudo gameleros, terríveis estas no rápido engrossar, a se agarrarem às pedras, a humidecerem por toda a parte, a princípio húmides, tenues, delicadas, depois possantes, violentas derrubando as mais fortes paredes, a desagregando as construções mais rijas, das quais retem, como que por escárnio, no limbo de intrínseca trama, enormes fragmentos, rochas inteiras suspensas numa rede de finas e pungentes malhas."

A própria capital de Goiás deixará de respirar prosperidade e louçania para apresentar o aspecto entristecedor de ruínas, tão fielmente pintado pelo Dr. Couto de Magalhães: "Ali aparecem os muros da antiga chácara do Horto, com seus jardins, outrora plantados de árvores distribuídas em ruas cobertas de areia branca; mais adiante aparece a tapera do Neira coberta de urzes e espinhos e que fora há tempos uma situação deliciosa, coberta de parvicolas, das quais se fabricavam pipas de excelente vinho de uva; mais adiante vê-se cavado no picarão da estrada um lago d'água; era uma fábrica de tecidos, cujos maquinismos complicados e difíceis substituíam a força do braço do homem pela força d'água e cujos numerosos produtos suplantavam as necessidades dos habitantes, e chegavam para exportação, além, e a chácara do Artilheiro, plantada de um magnífico pomar, enriquecida, de tanques, onde se criavam peixes; em suma, não há um só lugar, onde se não veja uma ruína, testemunha de uma grandiosa passada e que já não existe."

Entretanto a pesquisa do ouro pelos bandeirantes nos trouxe a vasta região, sobre a qual assenta a rede hidrográfica, que deve ser considerada a base da nossa unidade geográfica, ponto de apoio de nossa futura civilização.

Se não fossem a tenacidade e a bravura inditas dos filhos de S. Paulo, furando a linha de marcação de Alexandre VI, mesmo modificada pelo tratado de Tordesillas, o Brasil teria ficado reduzido a um país de fachada: não seria o colosso que hoje é, tendo a cabeça recostada nos Andes, e os braços, grandes como o Amazonas e o Prata, a abarcar o Atlântico; mas não se pode atribuir a prosperidade e a grandiosa declumbrância de S. Paulo ao poder mágico do ouro, e a prova está em que, enquanto Minas, Goiás e Mato Grosso, com sua extraordinária produção de metais e pedras preciosas, caíram em uma lastimável decadência, S. Paulo, sem terras auríferas e diamantinas, se tornava produtor de riqueza, criando gado, plantando cereais, abrindo estradas, construindo linhas de ferro, edificando cidades, onde as fábricas recamavam e o céu com o fumo de suas forjas e enchiam o espaço com o ruído de suas máquinas, exportando tanto café, que abarrotaria o mercado mundial, e, para dizer tudo em poucas palavras, dando o exemplo, aparentemente paradoxal, de um país de super-produção em falta de braços.

(1) Vide Ernesto Nya, "Estudos de Direito Internacional do Direito Político", tomo I, pag. 193 e seguintes, donde são extraídas as presentes informações.

(2) "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo" vol. VII, pag. 88.

O RISO - Artur Orlando

O homem é um animal que se acha o fogo, dizem os antropologistas; o homem é um animal que faz uso de instrumentos, afirmam os etnólogos; o homem é um animal que raciocina, escrevem os metafísicos; o homem é um animal que pensa, pregam os teólogos; o homem é um animal que troca, ensinam os economistas; o homem é um animal que ri, entendem flautas humoristas, proferindo pensamentos, insinuações, alusões, Aristóteles, Kant, Schopenhauer.

E o homem não somente ri; mas e o ser antigo que aprova o riso.

Nota Henry de Varigny que as coisas inanimadas e da mesma sorte os animais, não fazem rir. Somente o fazem, quando lembram a homem, a ele se associam pela forma ou gesto, ou reproduzem os traços da alma humana.

Por que o macaco é sempre o objeto de riso, lembrando o homem pela sua fisionomia, gestos e ações.

Se não se pode afirmar em absoluto que o riso seja exclusivo do homem, também não se pode negar que ele o torna superior aos outros animais.

Rab'ais, Mollère, Voltatre, rindo com elegância, graça e espírito prestaram maior serviço à humanidade do que todos os filósofos, moralistas e pensadores, porque o homem é um animal cômico, que não se corrige sendo à custa de muita gargalhada.

Donde provem o riso? Variam as opiniões, mas todas elas podem reduzir-se a duas principais.

Uma dá como causa do riso a crueldade; outras a bestialidade humana.

Mas nos parece que não há razão para atribuir o riso exclusivamente a um ou outro motivo, desde que o homem é um animal tão cruel quanto tolo.

O que se nos afigura exato é que o riso é menos uma consequência da crueldade ou da tolice do que um poderoso instrumento de seleção na luta pelo desenvolvimento estético, moral e social.

Em toda a escada zoológica nota-se que o macho é superior em beleza à fêmea, ao passo que a mulher leva vantagem ao homem no ponto de vista plástico e estético.

Assim como o homem por processos exclusivamente seus, soube tirar da esplanada a flor, que é uma obra prima de forma, brilho, cor e perfume, a mulher pela força única do riso pôde elevar-se a esta criatura divina além da qual não existe coisa alguma de superior.



Artur Orlando, em uma fotografia da época da mocidade

O lugar de Artur Orlando na Escola do Recife (Trecho de estudo) Ataulfo de Paiva

Tubias Barreto bastante persuasivo, alma cheia de vigor e de capacidade comunicativa, soubera falar e cultivar não poucas afecções, tendo por isso encontrado entre homens de nome, letrados, alguns que lhe prestaram o auxílio da sua simpatia, embora depois se separassem. José Higino e João Vieira estão nesse número. Todavia, entre os jovens a sua ação foi mais enérgica e mais viva, tendo sofrido notavelmente a sua influência. Martins Junior, Guimarães Bressa e Fausto Cardoso, que não podem mais ser esquecidos, e, bem assim, Silvio Romero, que já a esse tempo se fizera professor e se transportava para a Capital, onde veio ser o paladino da escola que ajudou a criar e a desenvolver.

No Recife, porém, o discípulo mais ligado ao mestre, o mais devoto e mesmo mais querido, era Artur Orlando. Oferencio-lhe um exemplar dos "Estudos e Estudos de Filosofia e Crítica", o famoso corifeu escreveu esta expressiva dedicação: "A Artur Orlando, o amigo incomparável e companheiro de batalhas, do qual bem poderia dizer o que disse Humboldt de Lamarque que somos uma espécie de par. Inimigos, até onde quem traz a lança e eu, quem dirige os cavaleiros". E não poderia exagerar no elogio, pois o expresso na tempestade e no entusiasmo fraterno da sua obra.

Orlando era um combatente de todas as épocas, alertado, sempre como para o ataque, sempre pronto para a defesa. Nas revistas, nos jornais, nas palestras, doutrinando e necessário desmanchando, a sua crítica sarcástica e feroz e a sua ironia mordaz e enérgica expunham, ou ao menos metiam a nu, as contradições, as debilidades, as fraquezas, as falhas, não obstante, as suas palavras, dadas em um belíssimo sãto e a voz da consciência murmurando-lhe dentro das carnosas malhas do seu espírito superior.

Entrou-se bravemente na vida pública, pouco logo em atividades literárias da sua carreira intelectual e rebelde, a qual se revelou a pleno e sublimemente em duas primeiras publicações a este fora submetido.

Atendeu para um concurso de história, escreveu de improviso uma belíssima dissertação sobre o "castelo", em que as ideias de Spencer eram rigorosamente aplicadas. Mas todo o seu esforço oral para integrar a disciplina se desmoronou diante do contraditório, que lhe abateu os vãos pelos comentários da paleologia, da história literária e do evolucionismo, podendo-lhe, num solerte golpe de surpresa, que matasse e classificasse umas odes de Horácio. Orlando possuía o sentimento do ritmo. Parecendo-lhe, entretanto, que desviava o curso das ideias da arte de escrever, afirmou de apontar os versos salões ou adonizes e os pes "dactilos" ou "espondeus", era incoerente, não se concordando, retorquiu por não de um público protesto, feito com o calor da sua alma de moço. A prova, de seguida, era anulada.

Noutro concurso, na Faculdade de Direito, as ideias novas de que ele era portador ocasionaram um ruído acadêmico, semelhante ao que provocava Silvio Romero quando, perante a congregação do mesmo instituto, declarava, anos atrás, que "a metafísica estava morta".

Sabido é que ninguém mais do que Artur Orlando fez timbre especial de usar e ainda de abusar de um vocabulário arrevezado e complexo, posto que bem significativo e apropriado

aos princípios que revolucionaram as longuevas tendências filológicas. Até sua expressão e na forma era preciso deduzir todas as ideias naturais e econômicas, as quais se deram as mãos para que fosse afirmada a ideia de solidariedade no mundo biológico e social. Ele dissera mesmo, nos seus "Novos Estudos", que "a concepção nova da matéria, como uma substância inerte e indestrutível, já não pode satisfazer as demandas largas e extraordinariamente belas do espírito moderno. Este se eleva a um plano superior ao mundo da matéria propriamente dita, com as suas conhecidas propriedades "elásticas, físicas, químicas, elétricas, magnéticas".

A dissertação do exame vertava sobre "o momento histórico das leis". É um trabalho profundo e cheio de observações curiosas o que ele produziu. Apesar de se tratar de tese, quase que inteiramente de Direito positivo, o autor achou meios e modos de encerrar tudo o quanto das suas ideias reformadoras e revolucionárias, a começar pelas denominações características. Trata-se de problema de "filosofia processual", disse ele logo no princípio da dissertação. Weber, Hermann Struve, Meyer Savigny, Imbert Lapeyre e Gabbia se tiveram fantasias subjetivas e fúeram subtile distíngos suas. A vida jurídica, como qualquer outra vida, tem formas e funções, e daí uma "morfologia" e uma "fisiologia" da Direito. Influenciando-se reciprocamente, sendo uma o complemento da outra. O conceito de Meiner ampara o concorrente. O princípio da gravidade universal revolucionou toda a estrutura do universo quando o mais pequeno corpo se maior através dos e pontos interplanetários, foi a força suprema que expulsou a teologia e a metafísica da governa moral e social como já as expulsara da física da química e da biologia.

Os vanguardistas e propositos professores ouviram confusos e alarmados, a audaciosa exposição. O candidato, prosseguiu, abajado e sem perturbar. Com a criação histórica como participação capitalizada, como produto da ação coletiva, o Direito nada tem de absoluto, de universal e de eterno. A sua relatividade compreende a sociedade e uma combinação binária de pessoas e de coisas. Ela supõe a riqueza, como supõe a coletividade. Como elemento "histológico" do corpo social, a riqueza é de importância capital na vida jurídica. Não sendo a riqueza, em última análise, senão um aumento de força diretiva na mudança de lugar e de estado da matéria, segue-se que a "alma mater" do Direito é a atividade humana. As múltiplas atividades consideram-se milagres perpétuos, inexplicáveis, no seio dos fenômenos "físico-químicos" ou simplesmente resultante das forças ordinárias da natureza, de acordo com a concepção monística do universo. Há uma espécie de equilíbrio. É a feição do "cosmos" jurídico. O Direito passa a ser a disciplina das atividades sociais.

Artur Orlando vai além. Um repto nunca seria movimento digno da sua probidade científica. E mister levou a coerência às suas consequências derradeiras. Afirma "de que deve haver "relação etiológica" entre a "solidariedade do crime" e a "solidariedade do processo". E linca, afinal, esta proposição singular, que causa forte estranheza e chega a fazer época nas rodas acadêmicas do Recife: "As "ordalias" no processo são provas "ontogênicas" do desenvolvimento "filogenético" do direito por meio da luta".

A velha congregação estre-meceu transida de espanto. Trava-se acalorada discussão. Há mesmo um desagradável atrito entre examinadores e o candidato, que prefere desistir das provas, retirando-se do concurso. E, desse conflito entre o monismo "huerekeliano" e o espiritualismo clássico, resultou a denunciação de Orlando, que não mais se quis submeter às demonstrações acadêmicas.

A cátedra da Faculdade perdura indubitavelmente um grande professor, e Orlando, a seu turno, uma posição condigna; mas nem por isso a curiosidade da atividade intelectual do ex-concorrente deixou de se entreabrir em vastos e promissores horizontes. Um largo período de intensa atividade pôe em vivas e eloquentes provas os ricos e interessantes aspectos do seu poderoso espírito, moldado pelas forças resistentes e confortáveis da Natureza, que ele amava apaixonadamente.

Em certa ocasião, Artur Orlando, explicando os elementos componentes da sua formação literária, disse que mais devia a Natureza e a vida de que aos mestres e aos livros. Destes últimos o que mais concernem para o preparo da sua mentalidade foi a coleção das "fábulas" de Fedro, em cujas páginas se refletiam, como num espelho todas as forças naturais. Depois foi o "Dom Quixote", no qual Carantes, provocando o

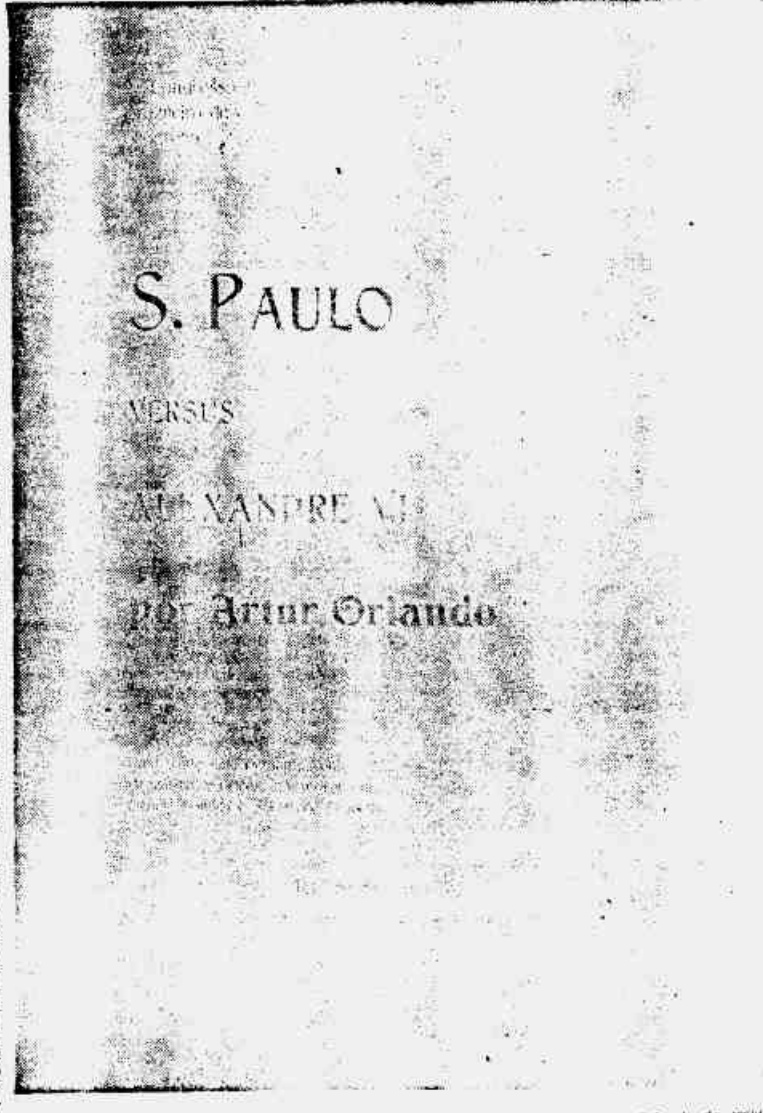
riso à custa das loucuras e ridiculando humanos, há feito mais bem à humanidade do que todas as escolas. Existem coisas na vida que somente se corrigem a custa de muita gargalhada, e o riso, pode dizer-se, é exclusivo da espécie humana, sendo o mais poderoso e humano instrumento de seleção social.

A seguir, confessa que o gênio de Henri Heine, com o necliar de seu divino "humor", lhe produziu uma verdadeira embriaguez intelectual. Kant e Silvio Romero guilaram as inclinações da sua filosofia; mas a influência prima da sua educação foi, através de densas brumas e vagas nebulosidades, a Natureza e somente ela, com toda a elegância das suas formas, com toda a suavidade dos seus perfumes.

Dessas qualidades ardorosas da inteligência, desordenadas, às vezes, mas sempre opulentas e exuberantes, é que nasceram, vicijando com pompa e graciosidade, os dons preciosos no crítico e do literato, do sociólogo, do político do administrador, mas, sobretudo, do jornalista e do escritor, porque Artur Orlando, servindo-se da sua erudição surpreendente sem-dar progressiva e fecunda, se distinguia antes de tudo, pelos continuos e brilhantes comentários de imprensa, e, principalmente, pela grande produção de livros magistrais, que se não

tiveram repercussão bem popular em razão de haver sempre caprichado em não dissolver os sufragios e favores, multos e banais, da opinião pública. Como jornalista, não fez muito, depois de longas e árduas lutas laboriosidade, em alcançar as suas impressões, que nada tendo de asistencialismo, ao contrário, todas as vezes de nuvens rosas e de cor-de-rosa com as cores da esperança.

Ao Sr. Oliveira Lima, que se deu ao trabalho de reescrever o Orlando nesta Aradentia, com o merecido respeito, e que o ofereceu uma tábua de salvação e a esse excelente magistrado estudo de Oliveira Lima, cuja voz para honra da atualidade brasileira, se ecoou até em fulgência das do espírito universal de Sorbonne, Harvard, Royal Society, — diremos que Orlando não era principalmente filósofo. Fora de dúvida, mas como especial preocupação da sua vida, talvez até em sua maior do que qualquer outro escritor nosso, o amor ao estudo dos grandes princípios filosóficos, dos princípios gerais os quais, exprimidos pelo seu robusto e ardente espírito, se alastravam através das menores páginas de suas produções literárias, e, em geral, rimas. Mas ele não considerava a ocupação exclusivamente ensinar, estudar e discutir a ciência universal do



Página de rosto de S. Paulo, verso Alexandre VI, a monografia em que Artur Orlando de monografia tão eloquente, resultou a glória e o heroísmo do banderante paulista.

O ROMANCE CONTEMPORANEO

Artur Orlando

A literatura vive em uma evolução continua, em um movimento perpétuo.

Não seria difícil provar que Flaubert provém de Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre de Fénelon.

Mas em que sentido se opera a transformação da literatura?

A vista do estado atual será possível determinar a sua feição futura?

Alguem já disse que a razão de ser da critica, consistindo em conhecer o presente e prever o futuro, a missão do critico é apanhar a corrente literaria em sua passagem, interrogá-la, aprofundá-la, determiná-la a direção.

Mas, se lançarmos as vistas sobre os diversos ramos de literatura, especialmente sobre o romance, veremos que o naturalismo está condemnado a desaparecer, como desapareceu o realismo.

A preocupação constante do sistema é que nos referimos tem sido fazer fisiologia na arte.

Clément Bernard é o sumo pontífice da escola.

O sangue e a carne constituem todo o objeto de estudo, enquanto se deixa em completo esquecimento e abandono a vida interior com as suas profundas e variadas manifestações.

A sinistra epopéia de miséria — "Germinal" — a, está para provar o que afirmamos.

E com sangue poite que têm sido escritas as mais rutilantes páginas de naturalismo.

Quando não é sangue, padre, arde de fogo o "rut" como em "Terra", ou a nudez impudica como em "Joie de vivre".

Os machados, as urnas, as pendências, os hospitais têm sido minuciosos e magnificamente descritos. Entretanto, por mais que os naturalistas evoluem as suas construções, por mais que alarguem a área das suas longas e minutas descrições, a ponto de Zola apresentar sob o nome de romance, "Débâcle", esta desalinhada narração de duas gigantescas potências nacionais em guerra, o leitor sente-se vítima da mistificação, evanescente que o alma do naturalismo não é senão impregnado ao espirito por estupefactivas descrições.

Nem se diga que Zola e seus discípulos empreendem a este expediente para mostrar a influência do meio, como faz, por exemplo, Tolstoy, que explica Rembrandt pela ausência de sol, perguntando, quando não esquecer que entre os naturalistas o meio é o principal elemento, em face ao qual desaparecem todas as idéias, sentimentos e vontades.

Em "Débâcle", a representação da guerra é a centésima mesma da obra, ao passo que em "Guerra e Paz", de Léo Tolstoy, as admiráveis narrações

Arthur Orlando

Voto em de Arthur Orlando

M. A. de A. de A.

Para preenchimento de voto de Arthur Orlando

27 de junho de 1910
M. A. de A. de A.

A. Orlando Arthur Orlando

O documento que aqui publicamos tem uma grande importância — até mesmo como fixação de um capítulo das mais relevantes da história da Academia Brasileira de Letras... Trata-se de uma coleção de votos, chamados a Arthur Orlando, na ocasião em que ele foi candidato, na vaga do Barão de Loreto. Vem-se aí — assinados — os votos que eram entoados. E' curioso verificar alguns deles. — O presidente da casa, o grande Machado de Assis, escreve serenamente: Voto no Sr. Arthur Orlando. — Oliveira Lima — um homem desavido, que, poucos anos depois, quando a Academia, tendo recebido a herança Alves, erigiu o jejum de presença, rompeu com a instituição, afirmando que ele estava recusando o misto. — era singularmente explícito: "Para preenchimento de voto do Barão de Loreto, voto com Arthur Orlando, 27 de junho de 1907". — Então, um eminente homem da Direção, o grande jurista Clóvis Bevilacqua, não trepidando em assinar o seu voto. Esse era o sistema. Claro e sero subterfúgio, em matéria eleitoral, que a Academia Brasileira de Letras adotava em seus inícios. Não predomina o critério oposto — o do sigilo — e a verdade é que, à luz das disposições atuais, a eleição de Arthur Orlando (como glória todas as daquele tempo) seria uma eleição nula...

das batalhas de Schoengraber, de Austerlitz, de Borodino, não são feitas senão para realçarem a fisionomia e o espirito daquelas originais figuras tão ricas de vida interior.

Assim o que caracteriza o notável escritor russo é o tom humano, o traço fisiológico de suas grandiosas criações, enquanto que Zola esquece quasi sempre as paixões e movimentos da alma pelas cenas exteriores, pelas puras descrições.

Entretanto, cumpre confessar, na França, onde a escola naturalista teve o seu berço, a fórmula não tem permanecido fixa e inalterável como um dogma.

Em Guy de Maupassant já se encontra menos sepulchral de acção pessoal, humana,

E com um tanto de firmeza e precisão que o autor de "Une Vie", "Bel Ami", "Fort comme la Mort", faz a análise interior.

A sua psicologia, porém, limita-se a um estado da alma, a uma paixão, a uma situação, a um acidente; não é o estudo do ser humano em toda a opulência de sua vida, em toda a extensão de sua existência.

Psicólogo mais profundo do que Guy de Maupassant, Paulo Bourget diagnostica com muita felicidade as moléstias morais; mas falta-lhe aquela ternura penetrante, aquela piedade parental, que é um encanto nas produções de Dostoiévsky.

Antony Blondel, reagindo contra a exagerada influência do meio, no "Romance de um mestre escola", ensaia apanhar

a natureza humana no que ela tem de instável e ondulante; mas a sua psicologia é mais racional do que humana, não encarando as questões senão pelo seu lado filosófico, fazendo preponderar sempre a reflexão sobre todos os outros movimentos da alma.

Como o "Romance de um mestre escola", escritos em reação aos exageros do masculismo são "Cour de la mort" e "Sous de la vie", de Eduardo Rod; "Sous l'oeil des Barbares" e "Un homme libre", de Maurice Barres; "Coquette de Lucie", de Alberto Botailly; "Nuits de Tristan Noél", de Julio Tellier; "Ames de verre" de Maurice Beuchamp.

Finalmente, o adorável Juho Cases, este solidário tão rico de

vida intuitiva, tão rico de prosaísmo e da trivialidade da vida ordinária, produz "Doux rouge" e "Ame en peine", duas obras primas, cujo estilo sibylliano parece uma espécie de música encantada a transportar o espirito do leitor para as mais elevadas regiões da poesia.

Do exposto vê-se que a moderna corrente literaria, desde o realismo com a sua falsa concepção da natureza até ao idealismo, que restringe a arte a um exclusivo ponto de vista psicológico, caminha no sentido de um subjetivismo superior que faz o homem encerrar em si mesmo o seu último asilo e buscar no âmago da sua própria natureza a flor da sua última esperança.

A CIÊNCIA E A ARTE

Artur Orlando
Bibliografia de Artur Orlando

(Continuação da página 277)

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

O primeiro que o homem foi criando foi a mente a partir da natureza, e a natureza da mente.

A natureza não é mais do que a mente, e a mente é o homem, e o homem é a natureza, e a natureza é o homem.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

A mente da ciência contra a da arte e o espírito científico da natureza.

O Brasil, a terra e o homem — 206 páginas. — Emp. de "O Tempo". — Recife — 1914.

Ensaio sobre a Literatura Pernambucana. — Na Biblioteca Internacional de Obras Cêlebres, vol. 16, pag. 7.689.

O Riso (idem, vol. 16, pag. 9347). Reprodução do Almanaque Garnier para 1907.

Direitos entre Estados. — Biblioteca Internacional de Obras Cêlebres. — Vol. 21, pag. 10.674.

Discursos de posse na Academia Brasileira de Letras. — (Discursos Acadêmicos, vol. 11) — (Reprodução do número 9 da Revista da Academia Brasileira de Letras) — 1912.

O Riso — (Continuação da página 129)

O riso não é sómente a mais expressivo e gracioso dos movimentos estéticos; desempenha ainda eficaz função social, prevenindo, impedindo, corrigindo faltas sem gravidades, pequenos desvios que escapam à ação da justiça.

Assim é que o riso mais precioso e segundo para a humanidade tem sido D. Quixote, do insano Cervantes, que vem a ser o fazer rir a custa das misérias e ridículos do homem, o mais valioso, hipercrítico e inconspicuo dos animais.

(Almanaque Garnier — 1907).

O riso não é sómente a mais expressivo e gracioso dos movimentos estéticos; desempenha ainda eficaz função social, prevenindo, impedindo, corrigindo faltas sem gravidades, pequenos desvios que escapam à ação da justiça.

Assim é que o riso mais precioso e segundo para a humanidade tem sido D. Quixote, do insano Cervantes, que vem a ser o fazer rir a custa das misérias e ridículos do homem, o mais valioso, hipercrítico e inconspicuo dos animais.

(Almanaque Garnier — 1907).

O riso não é sómente a mais expressivo e gracioso dos movimentos estéticos; desempenha ainda eficaz função social, prevenindo, impedindo, corrigindo faltas sem gravidades, pequenos desvios que escapam à ação da justiça.

Assim é que o riso mais precioso e segundo para a humanidade tem sido D. Quixote, do insano Cervantes, que vem a ser o fazer rir a custa das misérias e ridículos do homem, o mais valioso, hipercrítico e inconspicuo dos animais.

(Almanaque Garnier — 1907).

Correspondência de escritores

Carta de Graça Aranha a Sousa Bondeiro

Petrópolis, 13 de Janeiro de 1907.

Meu caro Sousa Bondeiro. — Não te respondo a tua consoladora carta da Tijuca. É um rápido apelo que te faço pela arte neste país. Há uma lei municipal que acaba de regular as bases para o arrendamento do teatro municipal. O modelo adotado é o regimento da Comedia Franca combinado com o da Opera de Paris. No Brasil, a proteção, e mesmo a intervenção do Estado, é indispensável em tudo. Para que esta lei passe, e que foi projeto do Luiz de Castro, tive muita intervenção obtendo o decidido apoio do Barão do Rio Branco. O ponto de vista do nosso Ministro era a necessidade de se criar uma escola de atores dramáticos e de opera lirica, e, naturalmente, um grande interesse em ser cantado a opera Abal de Alberto Nepomuceno por ocasião da visita de D. Carlos (1).

O Luiz de Castro é o homem indicado para a direção do teatro. Parece, porém, que o general Arnan (2) não quer fazer o contrato com ele por cinco anos, como estipulava a lei, num sentido de se poder formar escolas regulares de teatro, e que sede o teatro municipal apenas por 10 dias! Não quero acreditar. É possível que se organize uma troupe europeia para vir ao Brasil cantar operas, e entre elas uma brasileira de inédita, apenas para 10 noites? O Barão tem muito empenho na representação da opera nacional e foi pelo apoio e decisão dele que o Conselho do Prefeito, pouco em nome da qual a quem servimos que encarece o general Aguiar com o teu belo ardo. O mais simples é cumprir-se a lei. — Tu Graça Aranha

(1) Então rei de Portugal.

(2) Francisco Marcelino de Sousa Arnan, prefeito do Distrito Federal.

Não te esqueças de mim

CARLOS LERO

Não te esqueças de mim, quando posares das ilusões da vida o termo aigo; — Aivo bando de ptreças que nem sempre Voltam mais de uma vez no mesmo lago!

Se dentre as sombras que o teu vulto regoma, Alguma apparece-te a cada instante, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que vai anciosa te seguindo avante!

Não te esqueças de mim, quando á tardinha, Velar o coração teu a tristiza; Que a terra envolve, como um crepe incho, Nessas horas de ténica incertiza!

Se dentre as sombras que o teu vulto regoma, Alguma a ti chegar, que alem não passe, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que vai anciosa te beijar a face!

Não te esqueças de mim, quando alta noite Reclinado em teu leito de ceneia, Vires passar a legião dos sonhos, Afagando-te a fronte pura e bela.

Se dentre as sombras que o teu nome perfuma, Alguma te abraçar palida e louca, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que vai anciosa te beijar a boca!

Não te esqueças de mim, quando a alvorada For te abrir essas pálpebras mininas, Como o génio da noite abre as estrelas, Quando a luz das estrelas abre as rusas!

Se dentre as sombras que te esvaem prestes, Alguma lá ficar em ningo enleio, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que vai anciosa te beijar o seio!

Não te esqueças de mim, quando no templo Se eleva do teu peito a ardente prece: — Solto de amor, de glória e de harmonia, Sin que a Deus a tua alma se oferece!

Se dentre as sombras que das naveas virem, Alguma se precitar enquanto canta, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que vai anciosa te vai beijar as plantas!

Não te esqueças de mim, quando mais tarde, Já meus rios então não compa immersos — No azul do céu da tua fantasia, Triste o bando passar d'estes meus versos!

Se dentre as sombras que na terra vagam, Alguma apparece-te em árcia inflada, Não te esqueças de mim, pois é minhi'alma Que aliada te ama e que te segue aliada!



ARTUR ORLANDO

"O SANGUE DAS HORAS" O acôrdo ortográfico

ROBERTO ALVIM CORREIA

Não precisamos de muita coisa para identificarmos um poeta: três ou quatro palavras podem bastar. Assim, ao receber o último livro de Cassiano Ricardo, nem mesmo sabia eu qual era o gênero abstrato por ele, mas "O Sangue das Horas" (1) era um título de poeta.

Pois a imagem sugere algo que pressentimos vital para o autor. "O Sangue das Horas" é o que corre no tempo como o sangue nas veias e o que subsiste de vida em nós quando passaram as horas. E ainda aquilo que está gravado com um vício na sensibilidade do poeta. Por isso adquire um título como este a significação de um modo de conceber a poesia, de uma arte poética, de um manifesto. Quem intitula um livro de poemas "O Sangue das Horas", não pode ter uma concepção parnasiana da poesia, da arte pela arte, da arte gratuita, não é um poeta que escreve para se distrair, para passar o tempo, mas sim para estar intimamente ligado aos seus poemas, por sentir profundamente as coisas, por estar ferido por elas, marcado, tatuado por uma ponta de fogo que deixa na carne os vestígios azuis e indeléveis do sofrimento e do amor.

A poesia é a respiração da alma. Por isso Cassiano Ricardo acabou por ser o contrário do poeta disponível e, hoje, o poeta que escreve para não afundar que joga na poesia o mais inevitável de si mesmo, o mais imprevisível e o mais profundo.

Como todos os seus pares, ele carregava febrilmente em si um mundo pesado e negro, libertado momentaneamente pela expressão meditada, até que nele se reunisse novamente esse estranho ardor que faz o poeta, como um doente na cama, procurar um pouco dessa frescura trazida pela lembrança da infância, de um sorriso claro ou de uma noite estrelada.

A busca da frescura é a da própria poesia. Tive consciência disso no dia já longínquo — faz exatamente um quarto de século — que deparei com um título de um dos livros desse imenso romancista-poeta que foi Marcel Proust. O título era "A Pombre des jeunes filles en fleurs" e me deixara essa impressão de frescura que desde então procurei na poesia — talvez abusivamente. Não creio, porém. Poeta é quem transforma o abafado em algo de respirável, que dá asas à vida, ao corpo, às coisas; que nos revela em dia torrido, a frescura branca de uma nuvem ou o sabor da água viva na sombra; e quem nos dá a impressão de vermos as coisas pela primeira vez, de partilharmos de uma descoberta. O próprio da poesia é seu poder de revelação.

Poeta é Cassiano Ricardo quando nos fala de um regato. Não sei se para outros um regato é só uma "corrente de água pouco considerável", como dizem os dicionários, mas para o poeta

... é água criança.

E rio que ainda se conserva
[imemorialmente]

Por isso é que corre mto e não
[se cansa]

de brincar com o seu próprio
[destino].

Essa é a sugestiva verdade que poderíamos ensinar aos nossos filhos. A coisa seria menos vã do que pode parecer. A poesia é a ciência se tocam; baseiam-se na observação da realidade. Recorrem

po menos tanta à analogia quanto à lógica. Reconhecer o fato não é diminuir o valor do raciocínio, mesmo porque impere nos processos de associação uma utilização do método dedutivo e indutivo pelo menos igual à empregada no discurso em prosa. E essa utilização, todavia, submetida a um fator como a intuição, a qual origina tanto a ciência quanto a poesia. O que aproxima esta da ciência, ou o que faz, se quiserem, a poesia da ciência é a ciência da poesia, é o infinito que ambas deixam entrever e, neste, uma ordem espiritual. A ciência é a poesia que dá a idéia do infinito fora de nós, a astronomia a matemática; a poesia é o canto do infinito dentro de nós.

Como tudo no homem acaba por ter uma significação moral, fala-se muitas vezes em "demonio" da poesia. E fala-se com tanto mais razão quanto a expressão não corresponde só a uma imagem. Dizer, em outra ocasião, o percurso e, de fato, a impiedosa descida aos infernos que o vocabulário supõe. Assim, e por isso mesmo, a poesia é a prova do sobrenatural, bem como de uma abundância emocional, a qual não pode deixar de fornecer à ciência um campo de observações que enriquecem e alargam a nossa noção do humano. A poesia constitui um inesgotável reservatório de impressões, de verdades, de sugestões, de símbolos, de mitologias, de metamorfoses, utilizáveis em vários setores do pensamento e da cultura e que acordam em nós o que parecia dormir o longo sono do esquecimento, do quieto e do virgem. O poeta é um libertador. Traduz, ele, sem dúvida, algo de pessoalíssimo mas de que participamos bastante para nos comunicarmos com ele. Poesia é o singular que se torna plural, o inútil que é recuado, e pode ser "o sangue das horas", que é seiva.

E a seiva, como é sabido, vive em determinadas condições. A que corre nos poemas de Cassiano Ricardo resulta de uma estreita e feliz colaboração da sensibilidade com a inteligência, da fantasia com o inevitável do jogo com o lirismo, do brilhante com o profundo, do claro com o sombrio. Há originalmente na sua poesia uma íntima antítese, como em toda grande poesia, liricamente resolvida, porém, por uma tendência para o páramo e a harmonia. A lírica de Cassiano Ricardo denuncia uma cosmogonia fornecida pela distribuição de coisas aparentemente heteroclitas, mas que se completam no poeta para expressarem a sua personalidade. Percebe-se nos seus poemas marcos particularmente significativos, tais como estrelas, lua, palmeiras, rios, serras, cafreais, caminhos, bichos, barcos e arjos, amados e intensamente sentidos, que tecem a vida do poeta, fazem liricamente de uma tela: estrelas, as quais são também palmeiras claras no deserto azul do céu noturno. Imagina-se facilmente o jovem rio no alto da serra que brilha no luar. A lua é o espelho dos nossos sonhos. A noite está fresca no planalto da poesia, que é duas vezes a terra de nosso poeta, e a tela de fundo do seu próprio ser.

Quem quiser saber, quem foi Cassiano Ricardo terá de recorrer em primeiro lugar aos seus poemas. O poeta está nele, na origem de todos os atos e gestos do homem. A chave secreta que explicará este, se encontra na sua poesia. Como os médicos

fazem a do corpo, o leitor atento fará através da poesia a autópsia da alma. Por mais sinceros que sejamos, os nossos poemas o são mil vezes mais por o serem sem o sabermos. A pena do poeta é o sismógrafo de suas mínimas pulsações. O disco vira: nele está gravado o que há de mais secreto na sensibilidade do cantante. Ouçamo-lo:

Sou um obscuro bandeirante
nascido de costas pro mar.
Há muita tradição nestas ilhas,
muita armadilha do luar.
Minha esposa é a Terra firme...
as serenas estão no mar.

Nestes versos domina não só o lirico recato das serenas lunares como também o do mar, símbolo do eterno, e que canta como rima em "ar" em quase todas as estrofes do poema.

Ainda mais vasto, porém, é o céu com as remotas e agudas estrelas que nele navegam. Cassiano Ricardo não prescinde de sua silenciosa claridade que representa a vitória da paz alcançada, bucólica e soberana. Enfim

desce a Noite tangendo o rebolho de estrelas.

Observe-se a expressão "rebolho de estrelas": a terra e o céu, no que têm de mais apaziguante e de mais conhecida para o pensamento. Cassiano Ricardo esse homem de ação, é um meditativo que "nasceu para viver no mar". E um temperamento que retempera as suas forças no contacto com a natureza, a sábia conselheira dos homens, por eles não bastante consultada, mas a quem se dirige o poeta:

... ó Deus, ó estrela, ó vento,
eu vim buscar aqui, um pouco
de silêncio
para ver se ainda couro as
fúrias enormes
que a angústia de pensar me
tabriu o pensamento.

Não sei o que mais ame: água,
lútrios ou pássaros.
Só sei o que sinto em mim o
tagareta encanto
de aqui viver, bebendo orvalho
[e ouvindo as coisas
das lindas coisas que me dão a
alma confusa
toda enredada de cipós, do mar]
[primo prato...]

... E quando a noite vem, nu-
merosa, selvagem
a minha alma descança em
[seus belos olhos]
e pelos vãos da chaga atreves
[da folhagem]
sdo as estrelas a inocência de
[meus olhos].

A margem é por vezes grande entre o que vemos daquilo que pensávamos conhecer e o que nos revelam seus poemas: um homem diante da solidão de seu destino e que tenta preciar o que o ajudou a viver. E na solidão o tom muda: um poema digno desse nome o exprime o essencial, o verdadeiro, o que não morre. A poesia é o que ainda arde transmitidamente no homem quando seu corpo desde muito viveu eiza. Poeta é quem sabe discernir o que é vão e não é, e prova ser o amor a grandeza do homem. O amor ignora seu poder: destrói, esmagando, como o fogo interior, que purifica. O poeta, filho do amor, ignora qual a significação de sua mensagem, que acaba por pertencer a todos. Assim ao evocar o que determina nele a visão de uma palmeira, talvez não saiba Cassiano Ricardo ter fixado nela, para um leitor, o sentimento que a significação de sua mensagem, que acaba por pertencer a todos. Assim ao evocar o que determina nele a visão de uma palmeira, talvez não saiba Cassiano Ricardo ter fixado nela, para um leitor, o sentimento que a significação de sua mensagem, que acaba por pertencer a todos.

(Continua na pág. seguinte)

A Secretaria da Presidência da República, em 20 de mês passado, distribuiu a seguinte nota à imprensa:

"Por força da Convenção Ortográfica assinada em Lisboa, em 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, obrigaram-se os dois países ao estabelecimento de um mesmo regime ortográfico da língua portuguesa, que seria o que resulta do sistema fixado pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia das Ciências de Lisboa para organização do respectivo vocabulário por acordo entre as duas Academias".

Anteriormente a essa Convenção a Academia Brasileira de Letras aprovou, unanimemente, na sessão de 12 de agosto de 1943, as instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa, tendo, consoante as mesmas, organizado um vocabulário que denominou "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa".

Existem, entretanto, embora em número limitado, divergências do sistema a acordar entre as Academias, e que em virtude da Convenção devem ser solucionadas entre as duas instituições, de modo que se consiga integral uniformidade da grafia da língua.

Tendo em vista estas condições, resolveu o Senhor Presidente da República recomendar a adoção oficial das instruções aprovadas pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de 12 de agosto de 1943, e do seu Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, até que a definitiva solução da matéria, depois de mútuo entendimento das duas Academias possa ser estabelecida.

Tendo ainda em vista que, por força da citada Convenção, é a Academia Brasileira de Letras órgão consultivo do Governo em matéria ortográfica, competindo-lhe estudar as questões que se suscitarem na execução da Convenção, resolveu o Senhor Presidente da República enviar a Portugal, como representação especial do Governo, uma comissão de acadêmicos, delegados autorizados da Academia Brasileira de Letras que promoverá e ultimará, em entendimento com a Academia das Ciências de Lisboa, a elaboração das bases definitivas da ortografia da língua, afim de que, de acordo com o texto e o espírito da Convenção, possam os dois Governos promover os necessários e finais atos legislativos referentes à matéria.

Espera o Governo que, com essa providência que resolveu tomar e para a qual conta com o apoio da Academia Brasileira de Letras no credenciar e designar os seus representantes, em breve, os dois países, de comum acordo, estabeleçam oficialmente, para uso dos dois povos, um mesmo regime ortográfico, do qual possam decorrer vocabulários sem discrepâncias de grafia".

Na sessão semanal da Academia, realizada em 12 do corrente, o Sr. Mucilo Leão, presidente da instituição, leu a seguinte carta do Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde:

"Sr. presidente da Academia Brasileira de Letras: Apresento a V. Excia. e à Academia Brasileira de Letras cordiais congratulações pela solução que veio a ser dada pelo Presidente da República à questão ortográfica, matéria de nossos entendimentos nestes últimos dias.

Passa a ser adotada, nas publicações oficiais, nas repartições públicas e bem assim no ensino, a ortografia que a Academia Brasileira de Letras fixou nas bases aprovadas na sessão de 12 de Agosto de 1943

e no Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de recente publicação.

Tendo a Convenção Ortográfica Luso-Brasileira, assinada entre o Brasil e Portugal, em 29 de dezembro do ano passado, estabelecido o princípio da unidade ortográfica entre os dois países, se tornou necessária a revisão da matéria para o fim de unificar o sistema da Academia Brasileira de Letras e o da Academia das Ciências de Lisboa, o qual, como se sabe, é o que se consubstancia nas bases do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado por esta instituição em 1940.

Tendo em vista a constituição de uma comissão interacadêmica para solucionar a matéria, resolveu o presidente da República, depois de mútuo entendimento com o governo português, enviar a Portugal uma comissão de acadêmicos credenciados pela Academia Brasileira de Letras, órgão consultivo que é do nosso governo em matéria ortográfica.

Permita V. Excia. que lhe seja em nome do presidente da República, que a comissão representativa da Academia Brasileira de Letras, constituída de três ou quatro membros, seja desde logo organizada.

Estou certo de que, dentro em pouco, concluído o espírito de entendimento com a Academia das Ciências de Lisboa e expedito pelo Governo Brasileiro, é necessário ao legislativo, será a ter permanente e definitiva utilização em nosso país como instrumento definitivo da ortografia nacional, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, feito pela Academia Brasileira de Letras, e cuja organização representativa inestimável serviço prestado à cultura do país.

Reitero, por intermédio de V. Excia. os meus protestos de apreço e consideração para com a ilustre Casa de Machado de Assis.

Receba os cordiais cumprimentos e as expressões de reconhecimento de quem se subscrive de V. Excia. amigo e criado. — (A) Gustavo Capanema."

De acordo com os termos desta carta, o presidente designou os srs. Rodolfo Garcia, Olegário Mariano e Barbosa Lima Sobrinho, para constituir a comissão que irá a Portugal representar a Academia na adoção definitiva do acordo ortográfico. O sr. Olegário Mariano propôs sendo aprovado, por aclamação, que o sr. Mucilo Leão faça parte da comissão.

O sr. José Carlos de Macedo Soares propôs, sendo também aprovado unanimemente, ao a diretoria agradeça ao presidente da República o ter prestado o integralmente a Academia declarando oficiais as instituições para a elaboração do Vocabulário e também o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa elaborado pela mesma Academia.

Por último, o sr. José Carlos de Macedo Soares propôs, sendo aprovado unanimemente, a designação do professor José de Sá Nunes, como assessor técnico da comissão.

O FRANCÊS TAUNAY MESTRE DE BRASILIDADE -

Ribeiro
Couto

A 22 de fevereiro de 1932 morreu o Rio de Janeiro Alípio Taunay, depois de Taunay, filho do barão de Taunay e neto do barão Nicolas Antoine Taunay que em 1818 chegou ao Brasil como membro da missão artística francesa, organizada em 1808 pelo embaixador português Marquês de Marialva, a pedido do Conde da Barca, ministro de D. João VI. Pelo lado materno era neto do Conde de Kesselring.

O ano do seu centenário, no Brasil, seu motivo a que nos levou e em diversas instituições literárias fosse posta em relevo a sua alta figura de observador de homem público a que a obra se começa a fazer justiça devida.

Influído pelo temperamento enérgico e amparado numa rica cultura — a que as coisas naturais e as humanas haviam dado o gozo das coisas — Taunay tomou parte em muitas campanhas de obras de reformas sociais em que sempre se antecipou ao tempo. Daí lhe advieram compreensões, inimizades e amarguras e até mesmo, em determinados meios, uma certa popularidade. Ainda que fosse o autor da mais célebre novela rural brasileira, que todos já leu, a "Inocência", não se pode dizer que seja um autor do povo. Ou, quando o povo lhe repete o nome, é para lembrar apenas o autor de "Inocência". O crítico, o reformador social, o conhecedor de problemas práticos, o adepto da imitação, o defensor do camuflamento civil — esse, está esquecido. Ainda que num plano menos espectacular, a sua individualidade e do estilo da de um José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, ou de um Alencar ou de um Távora Bastos. Isto é: homens de guerra, na segunda metade do século XIX, guias da vida mental de uma nacionalidade de então, mas ainda presa a forma colonial: homens de guerra, de caravanas para a conquista da sua época, de exilados no ambiente de uma época que contrastava com o mundo realista e a vida política e as questões técnicas daquele Império que tinha como organização econômica a do escravo africano.

Taunay, nascido e educado no Rio, tinha varado os serviços, tomado contacto com os "terrapos", bebido nas mesmas fontes de fábula de Flaubert, comido do mesmo virado de feijão com carne seca. Aquilo que se chama na Europa o "romanesco" não pode sugerir sequer o que seja o "caboclo", o "cangaço", do moto brasileiro, correspondente a esse tipo de homem rural. So o "forgesman" dos norte-americanos se lhe equipara, mas precisamente pelas analogias do meio geográfico e das circunstâncias. Ainda menino, Taunay, viu de perto a vida, a pobreza e o heroísmo desse camponês brasileiro, nas paisagens remotas das Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso. Viu-o no decurso das suas marchas de engenheiro militar, a pé ou a cavalo, léguas e léguas pelo desampado, pela maré ou pela floresta, quando uma simples casa de pau-lla surgido no topo de uma floresta, desperta, no meio do silêncio, a gratia e a presença humana. Foi essa inapagável experiência que lhe despertou — não o fidalgo da capital — o violento e comovente amor pelo chão sertanejo e pela gente que por lá vive.

Sua curiosidade intelectual não teve fronteiras. Além das obras de ficção, escreveu numerosos trabalhos que abran-

gem os domínios da geografia, da medicina, da sociologia, da história, da biologia e da música. Foi também compositor distinto, deixou mais de quarenta peças de música profana e sacra.

O regime monárquico, a que foi fiel, Pedro II, foi-lhe viciado, extinguiu-se em 15 de novembro de 1889. Quase dez anos ainda lhe sobreviveu Taunay, falecido a 22 de fevereiro de 1890. Nunca cessou de se corresponder com o Imperador no exílio e de sonhar com a restauração. Naquela fase de reconstrução política, quando as paixões jacobinas eram muito vivas, o monarquismo de Taunay agravou a fama (injusta) que o cercava, de ser pessoalmente "um pouco estrangeiro", apesar do nacionalismo da sua obra. Entretanto nunca os escritores deixaram de estimá-lo, de considerá-lo um autor de grande mérito na linha de José de Alencar (cujo romance lhe serviram de molde). Ainda está por fazer um estudo sério, que ponha em termos de comparação o seu estilo e a sua arte com o estilo e a arte de José de Alencar. Ainda há três anos quando a "Revista do Brasil" consagrou um número especial ao romance brasileiro o ensaio de D. Luís Miguel Pereira sobre Franklin Távora, Taunay e Domingos Olímpio, reduziu o tempo de análise da obra de Taunay à novela "Inocência", deixando completamente de lado os outros romances do autor, como "Ouro sobre Azul", "No Declínio", que contém, quer-me parecer, a parte mais substancial daquela obra. Foi precisamente naqueles romances que Taunay aplicou a "língua Alencar", vindo a ser, a certos, repellido, o seu maior emulo nessa fase da "romântica" da ficção brasileira.

Taunay foi um dos meus autores predilectos no tempo das primeiras leituras, em menino. A mais de trinta anos de distância, ainda tenho presente o gozo que me davam romances como "Ouro sobre Azul". Ficção, deles, uma recordação de nobre simplicidade de delicadeza de sentimentos nos personagens, um vício, pálido e efêmero que não exclua o fervor de paixão; e a volta, a palidez enérgica, com seus olhares, suas palmeiras, aquecidas, das montanhas verdes ao seu ardente. Pode ser que, em voltando a essa leitura, eu me diga que um tanto as minhas impressões, pelo menos nos terços os mesmos estados de alma de menino, quando um escritor se encorpou ao novo pequeno e inveterado mundo de prazeres extasiados, no mesmo plano de outros séculos: o capão de mata em que há muitos canhões, para armar arcos; o sereno de praia em que há uma canoa abandonada e na qual se pode fazer uma escarpada pelo mar; e a mural da chácara que tem umas pedras esbarradas, por onde a gente passa, para furtar goiabas. Taunay era meu, era do menino só que no regresso da escola se fechava no quarto e sonhava: "Manuscrito de uma mulher".

As Instituições Históricas e Geográficas do Brasil, alguns tempos antes de morrer Taunay conheceu os manuscritos das suas copiosas "Memórias", cuja publicação só deveria ser feita depois de 22 de fevereiro de 1942, se os seus descendentes assim o entendessem. Essas memórias do Visconde, seu bastardo filho, o historiador Afonso Taunay, já tem publicado alguns trechos; mas tem publicado quasi que só a parte relativa às expedições militares e às viagens sertanejas por ocasião da guerra contra o Paraguai. Quanto à parte relativa ao fim do Império e aos primeiros anos da República,

pouco tem sido; e é aí, provavelmente, que estará o mais curioso e o mais perigoso das "Memórias" de Taunay — o julgamento de coisas e homens que ainda são de ontem ou mesmo do nosso tempo.

Interessante carreira, a sua. No prefácio da tradução portuguesa, feita pelo Barão de Raul Gálvez, do mais célebre dos seus livros — "A Retirada de Laguna", — narrativa militar escrita originalmente em francês encontro os dados biográficos essenciais para estas notas. "Tendo ascendido a preço no exército em 1861, seguiu o curso de artilharia em 1866 na Escola Militar, quando as argúncias da guerra do Paraguai o chamaram ao campo da batalha. De 1865 a 1867 foi membro e secretário da comissão de estudos dessa infeliz expedição em Mato Grosso, que acabou pela nefasta retirada de Laguna, marcialmente descrita por ele próprio neste livro. Em 1869, já capitão escaudado e príncipe conde d'Eu no Paraguai, no seu lado militou com brilho, e com ele assistiu a gloriosa conclusão da campanha. A promoção a major conquistou-a em 1875; mas desde o ano anterior já regia na Escola Militar a cadeira de Mineralogia, Geologia e Botânica.

Seu grande amor ao país levou-o à política. Não se encaixou o Visconde do Rio Branco, que lhe favoreceram a eleição para o Parlamento. Foi duas vezes deputado por Goiás (provincia que em parte havia perdido) e senador por Santa Catarina em 1886. Nesse mesmo ano governou o Paraná.

Já em 1876 fora também presidente da provincia de Santa Catarina, onde observou os fenômenos da colonização alemã. Ali, nos céus férteis mundos ainda desprovidos, em que o Rio Negro "trilha o Rio" com uma série de prosperas cidades fortemente alemãs, Taunay reflectiu sobre as necessidades e os perigos do mais agudo dos problemas americanos, o problema demográfico — a fatalidade de termos que importar o homem, para lá da urgência de aferrar os mesmos homens à tradição local em que em Santa Catarina, infelizmente nem sempre foi possível, por motivos às vezes alheios à vontade das próprias colônias alemãs. A campanha para a imigração, a que se dedicou Taunay com desinteresse e alto espírito público, levou-o a escrever "serenos brasileiros" do que em realidade o era. Foi um verdadeiro homem de Estado moderno, com ideias novas e corajosas, que viram a ser aproveitadas no regime republicano. No seu "Compêndio de História da Literatura Brasileira", Silvio Romero e João Ribeiro escrevem: "A visão ao conhecimento direto que teve Taunay da natureza brasileira e mais desde profunda sentimento de solidariedade nacional, engrandecido, depurado pelas dores penadas, em comum numa dura guerra, com o fim do Paraguai, deu-lhe esse aferido brasileiro, que traduz através de toda a sua obra e faz deste filho de fúrias um dos nacionalistas mais extremados da nossa literatura". Entretanto, acrescentam: "Mas a educação, aprimorada, que lhe foi fornecida desde a primeira infância por sua família, de nobres de arte e de talento, e a que se juntou, mais tarde, extensa aprendizagem estudiosa pelo Velho Mundo, não deixou nunca esquecer nele um certo quê de estrangeiro no meio do seu mesmo brasileiro, tendência que foi achando passo apropriado nas suas expressões, pela política. Pensei muito em parcerias esse lado, e menos luto ainda a conclusão de Silvio Romero e João Ribeiro: "Daí, esse sonhar constante com a imigração e a colonização, as grandes natu-

rações, os casamentos civis e queixas de assuntos e problemas em que o brasileiro é representado como um ser doente ou desequilibrado que precisa da vacina alienígena para viver e prosperar."

O que Taunay queria para o seu país — que ele conhecia do gabinete, entre enciclopédias, mas por haver convivido com a massa rural, em longos e ricos rincões sertanejos —, o que ele queria era um aceleramento do processo demográfico, uma acclimação e aculturação de vastas massas imigratórias saídas da sua própria família e do seu próprio sangue, que para ser "brasileiro" e que conta não é a origem, mas fosse inefável sentir que vem do chão e do ar, essa mistica ambiente, vivida pela língua, pela paisagem, pelo trabalho em comum e pela consciência de uma solidariedade nacional.

Para civis de dilettantismo, na opinião alheia suas ideias de homem de Estado, o Visconde de Taunay tinha contra si o dom literário, o talento de ficção. Ora sob o pseudónimo de Silvio Dinarte, ora sob o de Heitor Malheiros, publicou, em 1871, "A Mocidade de Trajano", romance; em 1872, "Inocência", romance; em 1873, "Lágrimas do coração", "Manuscrito de uma mulher", romance; em 1874, "Ouro sobre azul", romance; em 1874, "Histórias brasileiras"; em 1882, "Céus e terras do Brasil"; em 1886, "O enclenchamento" tro-

mance que descreve o Rio de Janeiro por ocasião da grande crise financeira dos primeiros anos da República; e em 1898, o romance "No declínio".

Como está sucedendo a outros homens do Brasil imperial — por exemplo, Mauá e Távares Bastos — a figura deste avultará com o passar dos anos, quando suelta, entra a um processo crítico de desenvolvimento e minucioso da sua vida, das suas ideias e da sua obra. Que riqueza de aspectos oferece Taunay!

Para começar, é o caso mais impressionante e mais triste de "imigração estrangeira" que temos na história da sociedade brasileira. Ninguém mais do que ele sentiu a sua terra, a vida que não lhe corresse nas veias uma gota, sequer, de sangue português ou brasileiro. Conheceu e amou tudo aquilo que o muito brasileiro de quarenta e poucos anos, preso à sedução permanente do liberal civilizado, nunca tocou com os próprios olhos, nem nunca julgou digno de interesse: o sertão, o caboclo com a sua casa de palha e o seu heróico anonimato. E se nesse mesmo sertão se sabe que há uma flor de ferro e moeda, da qual as cidades marítimas ouvem falar, devemo-lo a Afonso d'Escragnolle Taunay — chama-se Inocência.

... Pois não é que um belo dia ele me pediu que lhe escrevesse a ler? ... Que ideias!"

"Afinidade" — N. 51.

"O SANGUE DAS HORAS"

(Continuação da pag. anterior)

mente de sua terra. Graças ao poeta, ergue-se no morto a palmeira, resistindo ao vento, inextinguível, tal um chefe indio, e move com suas penas frementes na tempestade. De ora em diante para o mesmo leitor palpita nelas o amor de imortalmente verde e amarelo.

A poesia de Cassiano Ricardo é mesmo de inspiração brasileira com os múltiplos elementos que comporta a expressão. Além do mais participa da brasilidade desta poesia, o seu poder de revelação, ao qual já me referi — relâmpago dentro de nossa noite. Podemos levar anos a estudar a mensagem de um verso mas no dia que a espada libertadora nos fere, a revolução é instantânea. Alguns o obtêm pela palavra, então carregada pelo poeta de possibilidades ineditas. E raramente o caso de Cassiano Ricardo, que procede por ritmos e imagens. A imagem, sobretudo, é a sua grande cumplice. O sóbrio e conciso promotor de um magistral estudo em profundidade de sociologia geográfica como "Marcha para Oeste" é um poeta perseguido pela imagem. Adquire ela, muitas vezes, o valor de que há nele de mais desprocurado, aéreo, livre. A imagem, o seduz por prolongar deliciosamente a realidade, por constituir um cenário psicológico para um sentimento apenas sugerido, elegantemente esboçado e que deixa ao leitor a impressão de uma visão afetiva que já virou lembrança. Eis a imagem:

Pur um rã de árvore cresce a noite e uma casa de crepe de tanta estrema na janela vende a luz que passa na rua.

e o sentimento indefinível de graça folclórica:

E se não barcos flutuam não no mar, mas neste mundo foi porque sou um marujo do oceano aéreo e não do mar, foi por causa de algum anjo que não soube remar.

A flexibilidade espiritual desses versos é grande e de um de nossos poetas mais profundamente pessoais. Quem os escrevem, já foi um dos criadores mais ativos e influentes do modernismo, como todos sabem. Assim mesmo, por mais importante que fora esse movimento, já historicamente classificado, mais importa o fato de ser Cassiano Ricardo um poeta, e um poeta brasileiro. Deste, mal suficiente um aspecto da personalidade: a que me pareceu alimentar subterraneamente a sua poesia. Não significa isso não haver nela um lado saborosamente pitoresco e narrativo, o qual devia ser atentamente estudado, por ajudar a seguir a filigrana brasileira, até, a entender o próprio ritmo do autor de "O Sangue das Horas".

O RITMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

BARBOSA LIMA

... Semos chegados a um altura do céu em que a trama da civilização planetária aproxima todos os povos, e o ritmo dos movimentos sociais caminha para se tornar idêntico em todos os centros da humanidade civilizada.

Não mais, como há deis os três séculos, os acontecimentos comoviam os celestinos humanos do Velho Continente lentamente, e apenas como movimentos de superfície viaham subindo de onda em onda, de vaga em vaga, até chegar às plagas do Continente Novo.

A solidariedade, a conserto da organização humana tornou-se cada vez mais intensa, de modo que a vibração que se iniciou nesta ou naquela capital de Velho Mundo, logo repercutiu nas sociedades de agitação e humanidade civilizada do continente colombiano. (Discurso no Senado, em 21-3-1927)

Resposta a um inquérito literário - Clovis Bevilacqua

1523.

Um autógrafo de Clóvis Berçaque
de João Ribeiro e à sua família.
João recebeu este telegrama de dia 4-7-1904.

1. *... ..*
 2. *... ..*
 3. *... ..*
 4. *... ..*
 5. *... ..*
 6. *... ..*
 7. *... ..*
 8. *... ..*
 9. *... ..*
 10. *... ..*
 11. *... ..*
 12. *... ..*
 13. *... ..*
 14. *... ..*
 15. *... ..*
 16. *... ..*
 17. *... ..*
 18. *... ..*
 19. *... ..*
 20. *... ..*
 21. *... ..*
 22. *... ..*
 23. *... ..*
 24. *... ..*
 25. *... ..*
 26. *... ..*
 27. *... ..*
 28. *... ..*
 29. *... ..*
 30. *... ..*
 31. *... ..*
 32. *... ..*
 33. *... ..*
 34. *... ..*
 35. *... ..*
 36. *... ..*
 37. *... ..*
 38. *... ..*
 39. *... ..*
 40. *... ..*
 41. *... ..*
 42. *... ..*
 43. *... ..*
 44. *... ..*
 45. *... ..*
 46. *... ..*
 47. *... ..*
 48. *... ..*
 49. *... ..*
 50. *... ..*
 51. *... ..*
 52. *... ..*
 53. *... ..*
 54. *... ..*
 55. *... ..*
 56. *... ..*
 57. *... ..*
 58. *... ..*
 59. *... ..*
 60. *... ..*
 61. *... ..*
 62. *... ..*
 63. *... ..*
 64. *... ..*
 65. *... ..*
 66. *... ..*
 67. *... ..*
 68. *... ..*
 69. *... ..*
 70. *... ..*
 71. *... ..*
 72. *... ..*
 73. *... ..*
 74. *... ..*
 75. *... ..*
 76. *... ..*
 77. *... ..*
 78. *... ..*
 79. *... ..*
 80. *... ..*
 81. *... ..*
 82. *... ..*
 83. *... ..*
 84. *... ..*
 85. *... ..*
 86. *... ..*
 87. *... ..*
 88. *... ..*
 89. *... ..*
 90. *... ..*
 91. *... ..*
 92. *... ..*
 93. *... ..*
 94. *... ..*
 95. *... ..*
 96. *... ..*
 97. *... ..*
 98. *... ..*
 99. *... ..*
 100. *... ..*

III

Penso que a literatura pátria não atravessa um período estacionário. Os nossos grandes escritores estão em atividade: Bulcão, como Aguiar e Vergílio

ME APERTAR BEM FORTE
ENTRE OS TEUS JOELHOS

ORTE,
LHOS!

Canto da solidão

FUI BARCO PERDIDO,
POR MARES GELADOS,
DE VENTOS BATIDO
E REMOS QUEBRADOS.
POR ARTES DANINHAS
DA BRUXA DO MAR,
FUI CONCHA,
FUI PEIXE,
FUI AVE-MARINHA,
NO ABISMO A ROLAR.

UM DIA DESCI
NA VAGA DOS MARES
E ACHEI SOMBRA HUMANA
COM QUEM CONVERSAR
E VI UM CONTINENTE
E VI UM GOLFO AZUL
E VI UM CAIS DE OURO
PARA EU ANCORAR!
— ESPERA! — DISSE A IMAGEM
QUE EU HEI DE VOLTAR!

E OS DIAS SE PASSAM
SOZINHOS... SOZINHOS...
AH SOMBRA ESCONDIDA
PENHOR DO MEU SONHO,
IMAGEM TÃO VIVA,
TÃO DONA DE MIM,
VEM RETER BEM RENTE
MEU PEITO EM TEU PEITO,
ME PRENDER BEM PRESA
EM REDES DE BEIJOS
ME APERTAR BEM FORTE,
ENTRE OS TEUS JOELHOS!

QUE EU VIVO CHORANDO
E AOS CEUS INVOCANDO
UM CANTO DE MUNDO
ONDE ME ABRIGAR.
QUEBRA ESTE FEITIÇO,
MARUJO ENCANTADO,
E DÁ-ME UM REMANSO
PARA EU DESCANSAR.

HAYDÉE NICOLISSI

also present a certificate on
St. Andrew's - a new one
before the 100 names are
agreed to be true, for the
the present. on the 4

My British - 1/2 - 1/2
1523.

Um autógrafo de Clóvis Berçagui — "Ao querido e eminente amigo
Dr. João Ribeiro e à sua família, os nossos sinceros agradecimentos
pela amável estadia do dia 4-7 de outubro de 1923. (Clóvis Berçagui)"

Penso que a literatura pátria não atravessa um período estacionário. Os nossos grandes escritores estão em atividade: Sylvio, como Araripe e Veríssimo; Bilac e Netto, como Arinos; Machado de Assis, como Domingos Olympio ou Euclides da Cunha.

Quer-me parecer que em poesia os moldes estão gastos, porque o artifício matou a espontaneidade do sentimento, mas daí talvez resulte uma vantagem: muitas inteligências deixarão o Parnaso, onde somente os verdadeiros poetas ficarão empunhando a lira eterna das emoções reais.

